

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO
CURSO DE BACHARELADO EM MUSEOLOGIA

Programa de extensão

MUSEOLOGIA NA UFRGS: trajetórias e memórias

Projeto de pesquisa

OBSERVATÓRIO MUSEOLOGIA/UFRGS: trajetórias e memórias

Projeto de pesquisa

HISTÓRIA DOS MUSEUS E DA MUSEOLOGIA A PARTIR DA ATUAÇÃO DE SEUS AGENTES

ANA MARIA DALLA ZEN

(entrevista)

Porto Alegre

2023

FICHA TÉCNICA

Programa de extensão: Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias

Projetos de pesquisa: Observatório Museologia/UFRGS: trajetórias e memórias e História dos museus e da Museologia a partir da atuação de seus agentes

Número da entrevista: MSL6.3.2

Entrevistada: Ana Maria Dalla Zen

Nascimento: 28 de setembro de 1949

Entrevistadores: Victoria Honnef Medeiros e Jorge Fortuna Rial

Data da entrevista: 28 de fevereiro de 2023

Local da entrevista: Porto Alegre, Mezanino do Museu da UFRGS

Transcrição: Jorge Fortuna Rial e Victoria Honnef Medeiros

Conferência Fidelidade: Ana Carolina Gelmini de Faria e Marlise Giovanaz

Copidesque: Ana Carolina Gelmini de Faria, Lourdes Maria Agnes e Marlise Giovanaz

Pesquisa: disciplina Tópicos Especiais em Memória Social

Total de gravação: 1h36min

Páginas digitadas: 25p.

O programa de extensão *Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias* e os projetos de pesquisa *Observatório Museologia/UFRGS: trajetórias e memórias* e *História dos museus e da Museologia a partir da atuação de seus agentes* estão autorizados, a partir do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por ambas as partes, a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, esta entrevista de cunho documental e histórico. As pesquisas estão certificadas pela Plataforma Brasil, CAAE: 59281922.1.0000.5347 e CAAE 58646822.5.0000.5347, respectivamente. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo:

ZEN, Ana Maria Dalla. **Ana Maria Dalla Zen.** [Entrevista concedida a] Jorge Fortuna Rial e Victoria Honnef Medeiros. Porto Alegre: Programa de Extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias; Projeto de Pesquisa Observatório Museologia/UFRGS: trajetórias e memórias; Projeto de Pesquisa História dos museus e da Museologia a partir da atuação de seus agentes, 28 de fevereiro de 2023. 25p.



Fotografia de Isadora Medaglia Guarnier, 2023

Ana Maria Dalla Zen é professora titular aposentada do Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e professora do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da mesma Universidade. Possui graduação em História pela UFRGS (1971), mestrado em Educação pela mesma Universidade (1980) e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP) (2003). Realiza ações de ensino, pesquisa e extensão nos campos da Sociomuseologia, ação cultural e educativa em museus, métodos e técnicas de pesquisa, museus comunitários e inclusão social, e extensão universitária. Foi agraciada com a Ordem do Mérito da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) por sua atuação no campo da Museologia Social. Desde 2012 coordena o Programa Ilha da Pintada: Mulheres, Trabalho e Memória, na Ilha da Pintada, bairro Arquipélago, Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Em 2013 recebeu o Prêmio Santander Cultural Universidade Solidária, vinculado ao Programa que coordena na Ilha da Pintada. Coordena o projeto Ecomuseus, museus comunitários, paisagens culturais e sustentabilidade: a construção de fundamentos teóricos em Museologia Social.



Porto Alegre, 28 de fevereiro de 2023. Entrevista com Ana Maria Dalla Zen, a cargo dos discentes da disciplina Tópicos Especiais em Memória Social, Jorge Fortuna Rial e Victoria Honnef Medeiros, sob supervisão das professoras Ana Carolina Gelmini de Faria e Marlise Giovanaz, para o Programa de Extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias, o Projeto de Pesquisa Observatório Museologia/UFRGS: trajetórias e memórias, e o Projeto de Pesquisa História dos museus e da Museologia a partir da atuação de seus agentes.

V.H.M. - Poderia nos contar um pouco de você: local de nascimento, infância, escolha da profissão, como iniciou na UFRGS?

A.M.D.Z. - Rememorando, então. Primeiro, bom dia, a todos e todas. Estou muito feliz de estar aqui. Eu nasci em Farroupilha no fatídico ano de [19]49, porque eu poderia ter nascido em [19]50 para trocar de década, para não ser tão velha. Fui feita em [19]49. E, de imediato, eu saí da cidade porque o meu pai e minha mãe resolveram morar em Porto Alegre. Foi sem dúvida essa a melhor decisão da vida deles, porque nós viemos morar aqui no centro da cidade, na rua Bento Martins, que fica bem no Centro Histórico. Eu tinha três anos de idade, e nós ficamos morando lá até os meus oito anos, me parece. Foi uma época essencial na minha constituição enquanto sujeito desse mundo. Por quê? Naquele tempo não se tinha internet, não se tinha nenhuma rede social, as coisas eram realizadas todas no campo físico, e as nossas relações com a cultura se faziam diretamente. Eu lembro muito bem do que minha família, composta por meu pai, minha mãe e meu irmão, fazíamos aos finais de semana. Éramos muito pobres, e não tínhamos condições econômicas para fazer grandes despesas com o lazer, até porque naquela época nem se tinha tanta coisa assim para fazer mesmo. O que mais fazíamos era sair caminhando pelas ruas do Centro da cidade. E, nelas, lembro muito bem dos grandes focos de interesse que a gente tinha, entre os quais a Praça da Alfândega, que era o nosso ninho de brincadeiras. Lá eu conheci uma das primeiras referências que me tornou historiadora, que foi a carta do Getúlio Vargas. Cada vez que lá chegávamos, meu pai lia para mim. Aliás, ele era uma pessoa fantástica. Embora não tivesse



grande instrução, talvez apenas formação primária, era uma pessoa muito interessante, com profunda cultura. O que ele fazia? Ele lia a carta do Getúlio Vargas para uma pirralha de cinco ou seis anos, explicando, parte por parte, o seu conteúdo, empolgadíssimo. Agora, passados já meio século, sei que muitas coisas que ele dizia estarem escritas na carta, eram, na verdade, suas fantasias, criadas em sua imaginação. Eu, uma menininha encantada com o seu pai, ficava embevecida ouvindo as histórias que ele extraía só dessa carta. Além dela, outro ponto de referência muito significativo para minha formação, esse sim, decisivo em minhas opções futuras, foi o Museu Júlio de Castilhos. Tanto é que eu escrevi um capítulo de um livro, numa obra que foi publicada pelo Museu Júlio de Castilhos. E, eu me lembro que na época, a museóloga não gostou muito. Mas, era a minha referência, era a minha memória: o objeto de minha admiração eram as botas do gigante que fazem parte do seu acervo. Acredito que eu tenha ido ao [Museu] Júlio de Castilhos, no mínimo, umas 30 vezes então, e em todas meu foco recaía nas botas do gigante. Elas me fascinavam não só por serem imensas, mas pelas histórias que meu pai criava em torno do seu dono. Ele descrevia quem era a família dele, e mil outras coisas que me deixavam encantada. Depois fazíamos um giro por todo o Museu, porém o que me envolvia mesmo era aquele par de botas. E quando eu escrevi sobre isso, lembro que a museóloga ficou um tanto surpresa, já que, num acervo tão qualificado, porque me deter nas tais botas. Para mim, sem dúvida, elas foram a maior referência no Museu, fazem parte das memórias mais preciosas de minha vida. Com o tempo, a relação com o Museu e com a Praça da Alfândega fizeram nascer em mim a semente que iria me transformar em historiadora, e logo mais tarde, em professora do campo da Museologia. São imagens fantásticas que me acompanham até hoje. Acredito que a maioria das histórias de meu pai foram inventadas, mas me fizeram amar a História. Prosseguindo, destaco que outro ponto de interesse cultural muito importante em minha formação foi o fato de que, desde a mais tenra idade, meus pais me levavam aos concertos da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (OSPA), que, naquela época, tocava todos



os finais de semana no [Auditório] Araújo Vianna, que naquela época existia no local onde hoje está o prédio da Assembleia Legislativa. Desse modo, passei a gostar de música clássica, pois não perdíamos concertos, que, aliás, eram grátis. Se eu sintetizar a essência da minha infância, posso dizer que ela se alicerça nesses três elementos, aos quais agrego um quarto, tão importante quanto os anteriores. Trata-se do jardim de infância Alto da Bronze, uma escolinha infantil que se situa em frente da Escola Técnica Estadual Ernesto Dornelles, cujo prédio foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Rio Grande do Sul [IPHAERS]. Lá eu frequentei o jardim de infância, cuja professora, dona Anita, contava inúmeras histórias sobre Porto Alegre, que permanecem vivas em minha caixinha de guardados da memória. Entre elas, a que mais me toca é sobre o castelinho, construção que fica em frente ao prédio, lugar onde ocorreu uma das lendas urbanas de Porto Alegre. Hoje, ao rememorar, percebo que, à semelhança do que fazia meu pai, ela inventava e enfeitava a vida de uma tal mulher que morava no castelinho, meio que aprisionada. Só depois de passado muito tempo percebi que se tratava de fruto de sua imaginação para nos empolgar. Lembro que meus colegas e eu íamos até a janela, camuflados atrás das cortinas, para espiar a tal mulher, que acho que um dia eu vi lá dentro. Anos depois, fiquei muito decepcionada ao saber que naquela época não havia ninguém naquela casa, que hoje se transformou numa das lendas urbanas de Porto Alegre, que inclusive foi objeto de uma das exposições do nosso curso de Museologia [exposição curricular Fatos, lendas e mitos: olhares sobre o imaginário de Porto Alegre]. Em síntese, é isso que eu lembro de minha infância. Embora fantasiadas, as histórias de meu pai e da dona Anita me encantaram e me conduziram a realizar o curso de História, mais tarde. As minhas memórias afetivas com aquele Museu, com meu pai e dona Anita, permanecem até hoje muito vivas entre minhas lembranças mais queridas.



V.H.M. - Como se torna extensionista na Universidade Federal do Rio Grande do Sul? Como a extensão acompanha sua trajetória na Universidade?

A.M.D.Z. - A história de como me tornei extensionista é bastante bizarra. Eu me formei no dia 6 de dezembro de 1971, graduada em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul [UFRGS] e fiz grande parte também Ciências Sociais. Naquela época a gente fazia História de manhã e Ciências Sociais de tarde, sendo que este último curso não terminei, e acabei me licenciando em História somente. Embora tenha sempre trabalhado para sobreviver, eu era uma aluna destacada. Também os meus colegas, vocês nem lembram, porque a maioria já faleceu, e foram grandes professores de Porto Alegre. Os mais velhos entre vocês que fizeram curso pré-vestibular devem ter conhecido Luiz Roberto Lopes, Jorge Neri, João Luiz Flores de Souza, este último continua vivo, como também Raul Pont. Então a gente estudava muito, nos poucos livros disponibilizados pela biblioteca. Todos pobres, todos paupérrimos, muitas vezes a gente almoçava com o porteiro da Filosofia, o seu Milton, que nos levava para sua casa, no próprio prédio da faculdade. Como nós não tínhamos muitos livros, a gente estudava do jeito que dava. Tinham dois intelectuais que resolviam a nossa vida, então eles nos davam aulas para a gente conseguir boas notas. Por que eu estou dizendo isso? Porque as minhas notas foram lá em cima, sempre A, A, A. E, mesmo que eu não tivesse livros e eu me virava com esses meus ricos colegas, a quem eu devo meu curso, aliás, muito melhores do que a maior parte dos professores que eu tive, com certeza, com algumas exceções. Aí, quando eu me formei, criaram essa tal de extensão universitária. Foi um pouco antes, foi em [19]68. Eu me formei em [19]71, exatamente quando a UFRGS estava implantando o novo sistema. O meu ex-professor, que é o pai do Jorge Furtado, o Jorge Alberto Furtado, ligou para mim e disse: Ana Maria, tu não quer trabalhar comigo para criar essa tal de extensão universitária? Ora, eu recém-formada, desesperada por um emprego, e ele me chama para trabalhar. Sem titubear, aceitei. Então, no dia 24 de dezembro de [19]71 eu ingressei na UFRGS,



para colaborar na institucionalização da extensão universitária, embora eu não tivesse ideia do que era. Não havia internet, e as relações se faziam diretamente, indo para os locais que já tinham experiência, que eram as Universidades Federais, da Bahia, do Rio [de Janeiro]; e Minas Gerais. Eu viajava, adorava viajar! Imagina! Avião para cá, avião para lá, e eu sempre viajando para recolher elementos sobre o que era extensão e como tinha sido implementada nessas universidades. Imagina uma guriuzinha de 20 anos, feliz da vida, voando para cá e para lá. E, assim, eu criei todo o sistema de Extensão da UFRGS. É claro que, na prática, recortei e coleí alguns elementos que recolhi dessas instituições. E até há pouco tempo, permaneceram os mesmos formulários e diretrizes daquela época. Foi mesmo processo que fizemos ao criar o curso de Museologia, retirando dos currículos da UNIRIO [Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro] e da Universidade Federal da Bahia [UFBA], recortava e colava, adaptando ao corpo docente da FABICO. A Extensão foi assim. Aí, na Extensão eu me tornei a primeira diretora da Divisão de Extensão Universitária da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, depois, do Departamento de Extensão Universitária. E, quando foi criada a Pró-reitoria de Extensão eu assumi a função de Pró-reitora, sendo titular o Professor Ludwig Backup, que faleceu este ano. E ele sempre dizia que aprendeu muito comigo. Eu não estou exagerando, porque ele sempre disse: “Ana, ainda bem que tu sabe dessas coisas”, porque ele não sabia, tendo trabalhado sempre com ensino e pesquisa. No ano de 1980, decidi fazer mestrado, e me inscrevi na Faculdade de Educação. Ora, sobre o que eu iria pesquisar? Só podia ser uma investigação relacionada à extensão universitária. E assim, nasceu minha dissertação, que se chama Atividade de Extensão na UFRGS, êxitos, falhas e perspectivas. Ou seja, eu avaliei o que tinha auxiliado a implantar. Pouco depois, em 1982, o curso de Biblioteconomia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação [FABICO] implantou seu novo currículo, com a disciplina de Metodologia da Pesquisa, e eu fui convidada para ministrá-la, e aceitei. Desse modo, continuava na Pró-Reitoria de Extensão e na FABICO, mas houve um momento em que cansei e permaneci



somente como professora do Departamento de Ciências da Informação, onde permaneci até me aposentar. Ora, eu tinha que criar uma área de pesquisa e de extensão e, obviamente, centrei ambas na extensão universitária. Havia um carro biblioteca, e nós trabalhamos num projeto chamado projeto Itapuã, que era de desenvolvimento comunitário da região rural de Itapuã. A gente ia com uma kombi, que nós chamávamos de Carmen Miranda, de tanto que se sacudia. Além disso, teve o projeto Feira do Livro, em que participei a convite da professora Ivete Duro, que era uma querida. E assim nasceu o projeto FABICO na Feira do Livro, do qual participavam alunos de Biblioteconomia, Jornalismo, Publicidade e Propaganda, e Relações Públicas. Lá mantínhamos a Central de Informações, com uma leitora de microfichas que a Editora Nobel nos emprestava. É um monitor, parecido com o de um computador mais antigo, em que se inseriam fichas com a referência completa das obras e a editora que as publicava. Então, era só indicar ao interessado o número da barraca onde ele acharia a obra pretendida. Os leitores ficavam impressionados, e nos perguntavam se era um computador. E nós bem que gostaríamos de mentir, dizer que sim, porque isso representaria um avanço no curso de Biblioteconomia. Então dizíamos que era quase um computador [risos]. Aliás, quase me esqueci que meu doutorado também foi em extensão universitária. Em 1998, eu decidi fazer. Resolvi ir para a USP [Universidade de São Paulo]. Fazer a minha tese de doutorado na USP [Universidade de São Paulo]. A partir do que? Adivinhem? Seria a extensão universitária. Acontece que antes do curso de Museologia acontecer aqui, eu estava imersa num outro projeto de extensão que funcionou de [19]93 a [19]98, se chama *São José dos Ausentes, povo e paisagem*. Trata-se de um programa que eu coordenei, porque eu era diretora da Faculdade [Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação], executado pelo [Mario Bitt-] Monteiro. Se hoje vocês conhecem ou ouviram falar em São José dos Ausentes, isso se deve ao nosso programa lá realizado. Naquela época, recém havia se emancipado de Bom Jesus e seu prefeito, Carlos Búrigo veio até a Faculdade [Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação] pedir para a gente fazer



fotografias e materiais de divulgação da região, que, segundo ele, era muito bonita. Então aceitamos, passei a coordenar um grupo imenso de alunos de todos os cursos da Faculdade, todos empolgados em participar. Então nós lotávamos a Kombi da FABICO e viajávamos para lá semana sim, semana não. Encontramos no meio do nada uma escolinha abandonada, de madeira, entre as centenas que o então governador [Leonel] Brizola, no período de 1959 a 1963, mandou construir no interior. Nós encontramos uma perdida lá no meio do nada e transformamos na nossa Estação Curicaca, onde dormíamos meio empilhados, aquecidos por uma grande lareira para afugentar o frio. Pelo nosso trabalho lá, ganhamos o Prêmio Universidade Solidária, o que nos permitiu fazer toda a programação visual de São José dos Ausentes. Até então, era totalmente desconhecido. Fizemos o primeiro CD de imagens, numa época em que gravar um CD exigia enviar o arquivo para São Paulo e aguardar um mês, além de pagar uma fortuna. Enfim, quando resolvi fazer o doutorado, elegi nossa experiência em São José dos Ausentes, e logo nasceu minha tese, que se chama A Voz dos Ausentes na Terra do Nada: a ação cultural como estratégia de religação do homem à natureza. Porque a voz dos ausentes na terra do nada? Porque achei mais poético chamar as pessoas de ausentes ao invés de ausentinos, e a terra do nada porque esse é o nome da cerração que esconde tudo e todos praticamente todos os dias do ano. Assim, eu fiquei três anos ouvindo pessoas falarem sobre as suas memórias daquela bela região. E o subtítulo, a ação cultural como estratégia de religação do homem à natureza, porque ação cultural é sinônimo de extensão universitária. Trata-se de outra nomenclatura, que identifica a extensão universitária numa perspectiva cultural. O que a gente fez lá, e assim eu relatei na tese? As casas de fazenda são casas de madeira. Eram fazendeiros, mas fazendeiros pobres, não eram fazendeiros com aquelas fazendas tipo de Minas, aquelas casas fantásticas. Eram casas de madeira. Eles nos chamavam porque queriam transformar em pousadas, e a gente discutia quantos banheiros seriam necessários, sem qualquer arquiteto. Nós fizemos as logomarcas, fizemos uniformes para as pessoas porque eles iam



para a roça, voltavam e não podiam atender as pessoas daquele jeito. Então, desenhamos uniformes, até toucas de cozinheira, dávamos orientação sobre higiene e relações públicas. Quem quiser ler a tese, está tudo lá. Além disso, há um museu numa fazenda bem afastada, um museu particular, na fazenda São José dos Silveira. Tudo isso foi possível porque ganhamos recursos bastante significativos por meio do prêmio Universidade Solidária, no valor de 150 mil reais. E também o programa foi aprovado como projeto de pesquisa junto à FAPERGS [Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul], que nos liberou 35 mil reais. Com isso, dava para levar vários alunos nos ônibus da Universidade, comprar material fotográfico, enfim, tudo o que se necessitasse. Eu mostrei que era um programa de extensão, mas também pesquisa porque envolvia 95 professores de todas as áreas do conhecimento, que realizavam lá 24 projetos de pesquisa. Lembro que no dia da minha defesa da tese me perguntaram como é que eu consegui reunir 95 professores desde Agronomia até Artes, que iam para lá, para trabalhar nessa ação cultural que estava sendo a minha tese. A gente levava, por exemplo, alunos da Odontologia para tratar dos dentes das crianças com elas deitadas nas mesinhas das escolas. Os alunos da Odontologia Social tratavam os dentes, com os professores. Só gente doida mesmo, disposta a viajar 288 km no chão batido para chegar lá, com estradas de chão batido em sua maioria. Fazíamos até exames de fezes, porque os pais reclamavam de vermes, e lá não havia médicos. Então vinha a coleta de fezes para a Faculdade de Farmácia fazer análise. Ou seja, só um grupo de professores e alunos doidos podiam a fazer uma coisa dessas. E assim tomamos conta da cidade. Após minha defesa, eu a apresentei para um salão paroquial lotado, foi maravilhoso. Portanto, foram essas as minhas primeiras ações de extensão na FABICO. Eis que, em 2007, resolvemos criar o curso de Museologia, aproveitando que no turno da tarde o prédio da FABICO ficava ocioso. E, lá estávamos nós. Tinha um GT [Grupo de Trabalho] reunindo todos nós. Foi uma época em que fazíamos várias reuniões, até que se montou o currículo. Como eu já disse, foram realizadas inúmeras



reuniões, e a coisa não avançava. Eu detesto reunião, prefiro que me deem uma tarefa, que então era distribuída pelo grupo [olhando para foto do grupo de professoras que criou a Museologia, item MSL.1.10 do repositório digital do programa de extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias]. E aí? O GT. Foi ou não foi? Aí, o Valdir [professor Valdir Morigi] que nem está nesse grupo aqui, e eu, depois das reuniões, pegávamos o currículo da UNIRIO [Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro], e da UFBA [Universidade Federal da Bahia], sentávamos diante do computador, adequávamos o que havia sido tratado na reunião, e avançávamos. Nessa época, o Valdir [Morigi], me chamava de mãe Dalla, e ele era o pai Valdir. Desse modo, nós íamos elaborando um currículo. Entre nós, só havia bibliotecários e historiadores, porém nenhum museólogo. Então, nós fizemos esse curso funcionar dessa forma, com forte ênfase nas Ciências da Informação. E assim foi implantado o curso, e então logo fui procurar onde encaixar o meu interesse pela extensão universitária, nascendo já em 2009, o Programa de Extensão Lomba do Pinheiro: Memória, Informação e Cidadania. Era uma época em que a extensão tinha muita verba, vinda do MEC [Ministério da Educação], tipo 300 mil reais por projeto. Com ele, passamos a atuar no Memorial da Família Remião e Museu Comunitário Lomba do Pinheiro. Os resultados do Programa, que durou até 2011, estão publicados no livro *Aulas de Museu*, organizado por mim, que tem a participação de praticamente todos os professores e alunos envolvidos. Foi uma época fantástica, em que, por iniciativa do aluno David Minuzzo, que era da primeira turma, foi criado um programa de turismo interno na Lomba, para que os moradores se reconhecessem no próprio bairro, e assim nasceu o Lombatur. Todas as quartas-feiras, uma turma de alunos da Museologia se deslocava para lá num ônibus da UFRGS, num roteiro com 13 estações no Bairro. Então esse ônibus ia carregado de gente para reconhecer todos esses pontos de memória da Lomba do Pinheiro. Quem é que identificava esses pontos de memória? A comunidade local. Nenhum de nós conhecia a região, e começamos então a circular por lá para conhecer um pouco aquele território, para compor o roteiro



de turismo que o David [Minuzzo] inventou. Mas deu certo, e funcionou muito bem durante os anos de 2009 a 2011. Dessa experiência, foram produzidas dissertações de mestrado e o trabalho de conclusão de curso do David [Minuzzo]. Aliás, ele e eu fomos para Portugal apresentar um trabalho num congresso, enquanto outros foram ao Chile e Argentina participar de eventos científicos para interpretar a experiência. Devo ressaltar que é essa a perspectiva da extensão que eu considero significativa, é que ela seja integrada ao ensino e à pesquisa, e não uma atividade isolada na universidade. Quem participa da extensão tem que ter essa conexão com o seu próprio ensino e tem que ter motivação para a pesquisa. Tem que produzir algo em relação ao que está realizando, transformando a experiência em teoria. Garanto a vocês que quem participa de um programa de extensão sai diferente, porque quando a gente trabalha com comunidades, a gente tem a oportunidade de conhecer a realidade social que de outra forma nos passaria despercebida. A extensão não precisa ser feita só com comunidades carentes, mas eu sempre caí em comunidades carentes. Quando saí da Lomba do Pinheiro, já estava envolvida com o bairro Arquipélago, onde, a convite da professora Teresinha Carvalho da Silva, o curso de Museologia, sob minha coordenação, participou como parceiro na criação do Museu das Ilhas. Iniciou-se como prática dos alunos matriculados na disciplina eletiva chamada Tópicos Especiais em Museologia Social. Para lá, nos deslocávamos no microônibus que ganhamos com a criação do curso. Então aí eu disse, gurias, me referindo à Lilian [Santos da Silva Fontanari], à Deise [Formolo], à Ana Ramos Rodrigues, à Isabel [Cristina Francioni] Ferrugem, à Daniela do Amaral [da Silva], a Eroni Rodrigues, Sibelle [Barbosa da Silva], Elisa [dos Santos Dias], Ludimilla [Alves Fagundes] e mais outras, uma série de pessoas que hoje formam o grupo Dallazetes. Sim, pois até hoje mantemos unido o grupo da primeira turma que foi para a Ilha [da Pintada]. Num dia, fomos para lá dispostas a dizer não, que a gente não ia se envolver na criação do Museu. Mas o não virou sim e estamos até hoje lá. Esse projeto criou um Museu, que foi inaugurado em 18 de março de 2016. E, desde 2020, a nossa querida



Carol [professora Ana Carolina Gelmini de Faria], aceitou ir para a Ilha [da Pintada], então nós estamos lá. Vocês não imaginam o que é trabalhar lá, é tudo, menos monótono. O Elias [museólogo Elias Machado] trabalhava lá, mas se retirou porque não aguentou as brigas. E assim nasceu o Museu das Ilhas de Porto Alegre, na tipologia de um museu de rua. O curso de Museologia realiza um programa de extensão intitulado Programa Educação para o Patrimônio no bairro Arquipélago. Nele, oferecemos oficinas nas escolas. Há pouco, tivemos uma experiência muito interessante na Ilha Grande dos Marinheiros, dentro do Projeto Jovem Aprendiz, para explicar o que é educação para o patrimônio e assim incentivar que a comunidade se empodere de seu território, histórias de vida, memórias, passando a sentir orgulho de seu pertencimento. Eis que, com a pandemia, tivemos que nos adaptar, então criamos duas mostras virtuais, que a gente manteve até agora, em que as pessoas dão seus depoimentos acompanhados de uma fotografia que registre uma memória afetiva. Devo lembrar que o bairro Arquipélago tem o menor índice de desenvolvimento humano de Porto Alegre, é uma região muito pobre, e as pessoas lá são reconhecidas por drogadição, por falta de recursos e de emprego, falta de iniciativa, falta de tudo. E quando a gente vê esses resultados de nossas ações, percebemos que elas são muito significativas. Quem quiser assistir essas duas exposições elas estão disponíveis no Instagram do Museu [das Ilhas de Porto Alegre]. Vale a pena! E para os alunos, que são os nossos bolsistas, o ano passado eram o Felipe [Pirovano] e a Caroline [Brum]. Para os alunos, penso que eles assumem posturas mais inclusivas em relação à sociedade em que vivemos. Eles percebem que há outro mundo fora de sua bolha. O Museu, por sua vez, não é um museu tradicional, não se preocupa nem com públicos, nem acervos, nem prédios. Trata-se de uma experiência inspirada nos ecomuseus, na perspectiva do [Hugues de] Varine, o nosso guia na Museologia Social. Trata-se de uma instituição que se preocupa com as pessoas, com as suas histórias de vida e com as suas relações com o território. O Museu não tem um prédio, apenas uma sala para a administração, muito humilde e desorganizada. Mesmo



assim, ele sobrevive muito bem dentro dessa perspectiva de preocupação maior com as pessoas.

V.H.M. - **Olhando para essa fotografia** [item MSL.1.10 do repositório digital do programa de extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias]: **que memória essa fotografia evoca? Ainda sobre o assunto da criação do curso, ao seu ver, que fatores foram determinantes para criação do curso de Museologia? Considerando que o curso nasce atrelado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO), lotado no Departamento de Ciências da Informação (DCI), ao lado dos cursos de Biblioteconomia e de Arquivologia, cuja vinculação viria a determinar as características de sua orientação inicial, como o curso foi pensado? Houve dificuldades?**

A.M.D.Z. - O diretor da FABICO era o Valdir Morigi e a chefe de departamento a Iara [Conceição Bitencourt Neves], uma pessoa empolgadíssima com Museologia e Arquivologia, com Biblioteconomia, e queria também implantar o curso de Restauro no Departamento [de Ciências da Informação]. Além desses, o reitor, [José Carlos] Hennemann, era também muito dinâmico, sempre pronto para apoiar a expansão da Universidade. Nessa época, o Governo Federal criou o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais [REUNI], de fortalecimento e criação de novos cursos e novas universidades públicas. Aí o Valdir [Morigi] viu a oportunidade de expandir a FABICO, e a Iara [Conceição Bitencourt Neves], encantada, “vamos criar dois cursos”, nós vamos criar o curso de Museologia e de Restauro. Ninguém se empolgou muito com o de Restauro, que foi logo rejeitado pelo Departamento [de Ciências da Informação]. Já o de Museologia foi rejeitado por alguns também, mas tinha o nosso grupo dos interessados, composto pela Lizete [Dias de Oliveira], a Marlise [Giovanaz], o Valdir [Morigi], a Ilza Girardi da Comunicação [do Departamento de Comunicação da FABICO], e saímos em defesa. Então o reitor [José Carlos Ferraz] Hennemann] nos apoiou e assim acabou nascendo o



curso de Museologia. A ideia de sua criação é bem antiga, remontando à década de [19]70, quando Teniza Spinelli, do Museu Hipólito José da Costa, fez a solicitação formal ao reitor [Homero Só Jobim] para que o curso de Museologia fosse criado, mas o processo ficou parado por uma década. A Iara [Conceição Bitencourt Neves], estava sempre com ele [o projeto] no braço, mas ninguém a escutava, até a chegada do reitor [José Carlos Ferraz] Hennemann. Então o Valdir [Morigi] disse que iríamos criar o curso, aproveitando o turno da tarde, que permanecia ocioso na faculdade [Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação]. E assim foi feito. Aliás, este seria um belo objeto para um TCC [Trabalho de Conclusão de Curso] sobre a origem do curso de Museologia. Foi um projeto criado com muito carinho, em que sonhamos alto, porque naquela época havia abundância de verbas para as universidades. Nós pedimos 30 computadores, acabamos ganhando 60, que foram distribuídos pela Faculdade [Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação]. Chegamos até a solicitar um ônibus, para ser um museu itinerante, como aquele do Museu de Ciências da PUC [Pontifícia Universidade Católica]. Porém quando chegou a verba, nos damos conta de que não havia ninguém que pudesse assumi-lo. E, desse modo, a sua compra foi substituída pelo micro-ônibus da FABICO. Inventamos uma série de coisas e pedimos dez vagas para professores museólogos, porque pela legislação, nós precisaríamos de professores museólogos, quando tínhamos somente bibliotecários e historiadores. Foi um processo meio doido e divertido, quando lembro de estar diante de um computador digitando e o Valdir [Morigi] ditando o que poderíamos pedir a partir das decisões do grupo de trabalho. E assim, ganhamos as dez vagas, enquanto os outros cursos da Faculdade se esforçavam para obter uma ou duas. O passo seguinte seria a realização dos concursos, que se mostrou bem complicada, pois não conseguimos museólogos que se dispusessem a vir para Porto Alegre. Desse modo nos primeiros concursos entraram professores de outras áreas. Até que em determinado momento, em que eu fui presidente da banca, tivemos a felicidade de contar com a Ana Carolina Gelmini de Faria. Nunca vou me esquecer daquela menina dando



uma aula fantástica, com a alegria que lhe é peculiar, e com um lápis na mão. Eis que, de tão nervosa, acabou quebrando o tal lápis. Com toda a calma do mundo ela riu e disse: “olha aqui o que aconteceu de tão nervosa que eu estou”. Aí todo mundo riu e ela continuou e fez uma belíssima defesa do seu trabalho. Desse modo, ela veio dar um sangue novo para o curso. Depois foram sendo realizados outros cursos até conseguirmos chegar ao nosso querido corpo de professores. A Zita [Rosane Possamai] veio da Faculdade de Educação, mediante uma troca de vaga entre os departamentos. A Iara [Conceição Bitencourt Neves] fez de tudo, até conseguir. Foi então, graças a esse processo nem tão linear, nem simples, que nasceu um curso de Museologia, com muito afeto. A gente fazia de tudo para as coisas funcionarem. Mas eis que, como vários o nosso currículo foi organizado de acordo com as diretrizes do MEC [Ministério da Educação], elas tinham conexão com a Ciência da Informação, mas logo depois essas diretrizes foram alternadas, afastando a Museologia da Ciência da Informação. E, sem dúvida, se não fosse a colaboração dos professores da Ciência da Informação, não teríamos chegado até aqui. Por isso, fica um agradecimento especial aqui registrado para eles. Outra coisa também que foi legal na criação do Museologia, outra coisa que a gente conseguiu na loucura da criação da Museologia que eu lembrei agora eram as estantes deslizantes, as famosas. Ninguém tinha, nenhum curso de Museologia tinha estantes deslizantes naquela época. O [José] Nascimento [Júnior] era o presidente do Ibram [Instituto Brasileiro de Museus]. Ele nos ofereceu. Ele me ligou: - Ana [Maria Dalla Zen], eu era coordenadora do curso naquela época, eu tenho aqui umas estantes deslizantes que iam ser liberadas, foram compradas para UNIRIO [Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro], mas a UNIRIO [Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro] não tem espaço. Será que vocês gostariam de ter? Você sabe quais são as estantes deslizantes, aquelas que estão lá na sala 101 do Anexo I Saúde [Laboratório de Pesquisa Museológica - LAPEM]? São aquelas mesmas. No mesmo dia, eu disse que sim, e aí eu fui atrás da diretora, que era Ana [Maria Mielniczuk de Moura], que agora



voltou a ser [diretora]. Eu disse, Ana [Maria Mielniczuk de Moura], eu consegui as estantes. - Ah, manda trazer, a gente fecha uma sala e dá um jeito. Assim foi feito, a sala aqui. Primeira sala também é 101, no prédio da FABICO [Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação], lá se criou um laboratório [Laboratório de Criação Museográfica - CRIAMUS].

V.H.M. - Como você passa a atuar no curso de Museologia (disciplina, encargos, projetos de extensão e de pesquisa...)?

A.M.D.Z. - Como é que eu passei a atuar? Bom, precisava Metodologia da Pesquisa, uma disciplina que ninguém gosta. A Metodologia que eu tinha aprendido na graduação era muito conservadora, cartesiana e quantitativa, diria até que arcaica. Só que desde quando entrei para Biblioteconomia, em 1982, comecei a trabalhar com Metodologia da Pesquisa em outros paradigmas, que eram as minhas crenças. Não era mais aquela ciência cartesiana horrorosa. Eu comecei a trabalhar com metodologia numa outra perspectiva. Também eu dava as disciplinas de Ação Cultural em Museus, Tópicos Especiais em Museologia Social, etc. Na Museologia, eu tive que criar um nicho para mim. Todos nós temos o nosso nicho de pesquisa, o nosso nicho de ensino e de extensão. O meu nicho foram museus comunitários. Por quê? Porque quando eu falo em museus comunitários, quando eu falo em Museologia Social, eu estou falando em extensão universitária, são sinônimos, eles interagem. Eu só me vi na Museologia porque eu tinha essa liberdade de atuar em Museologia Social. Quando eu conheci a Museologia Social, que foi no curso de Museologia, eu não conhecia antes, eu conheci o Mário [de Souza] Chagas. A gente ia para os encontros de professores, e conhecia gente maravilhosa fazendo coisas lindas. Conheci os museus comunitários do Rio [de Janeiro], o Museu de Favela, o Museu da Maré. Eu brincava com o Mário [de Souza] Chagas, eu disse: o Museu da Maré, agora é o top de linha. Naquela época o Museu da Maré era a grande referência de museus comunitários, e até hoje ele tem um significado bastante



importante. - Agora o Museu da Lomba do Pinheiro vai superar. Ele dava risada.
 - Agora todo mundo vai conhecer o Museu da Lomba do Pinheiro! Só que o problema desses museus é que eles não permanecem.

V.H.M. - E o programa de extensão realizado na Ilha da Pintada?

A.M.D.Z. – A primeira desconstrução que se deve fazer, ao falar em comunidade, é que esse conceito não existe. Em seu lugar, podemos encontrar grupos sociais conflitantes, na maioria das vezes, com poucos momentos consensuais. Temos que aprender a conviver com conflitos. Isso é muito importante na Museologia Social, eu enfatizava muito em aula. Nessa linha, o Museu das Ilhas nasceu com apoio de alguns e oposição de outros. Tem pessoas que até hoje querem acabar com o museu de rua, afirmando que ele não é importante para as Ilhas. A gente, com o discurso progressista da Museologia Social, feriu algumas suscetibilidades, e até hoje tem gente que quer nos ver longe de lá, em especial a Teresinha [Carvalho da Silva], que foi a responsável pela sua criação. Se ela não tivesse buscado nossa parceria, não teria se constituído nesse espaço fantástico para os alunos compreenderem o que é trabalhar em comunidade. Não é nada fácil, pois se agrada alguns e desagradam outros. Eu já sofri bastante lá no Museu [das Ilhas], a Carol [professora Ana Carolina Gelmini de Faria] nem sabe disso. A gente mandou fazer um pedido para [nome de empresa], porque ele tem uma mansão lá na Ilha [da Pintada] de vários quilômetros. [Um funcionário] quando me viu com o Lula pendurado no peito, cortou. A Teresinha [Carvalho da Silva] foi pedir recursos, porque pela lei Rouanet eles abatem no imposto de renda, ele respondeu que ninguém mandou votar no Lula, que deveríamos pedir para ele. Mas esse não foi o único caso. Certa ocasião, fui pedir recursos numa mansão maravilhosa na Ilha das Flores. Ele justificou que não poderia ajudar, pois, se o fizesse, todo mundo iria ficar sabendo e ele não teria mais paz. E não ajudou. Esse tipo de situação é muito comum, especialmente na Museologia Social, que é progressista, dinâmica, inclusiva,



nos fortalece. A criação do curso então tem a ver com essa minha participação. Mas, prosseguindo, num certo dia, era uma vez, como meu pai dizia, era uma vez uma tal de Zita [Rosane] Possamai tomando café com uma tal de Ana Maria Dalla Zen, sentadas lá no bar da FABICO. – Ana [Maria Dalla Zen], e, no meio da conversa, ela fez a pergunta: vamos criar o programa de pós-graduação? Topas fazermos um projeto? Pós-graduação, Zita [Rosane Possamai], será? Os programas de pós-graduação, para funcionarem, demoram, pois sua aprovação demora entre dois a três anos, ou mais, para vencer todas as instâncias decisórias. Com isso, ficamos tranquilas. Vamos fazer, vamos ver o que acontece. A gente começou, quem é que vai dar Metodologia da Pesquisa? Quem ia dar Museus Comunitários? [aponta para si mesma]. Teoria dos Museus? Zita [Rosane Possamai]. E assim criamos um leque. Dividimos as áreas em Museologia, Patrimônio e Cultura. Museólogos para cá e os não museólogos para lá. Chamamos a Luisa [Gertrudis] Durán [Rocca], da Arquitetura, chamamos a Ana [Albani de] Carvalho, do Instituto de Artes, porque da Museologia estava mais específico, já tinha os museólogos, a gente podia contar com todos eles ali, não muitos. E assim aconteceu. Era fevereiro, nunca esqueci. Mas, ao invés de demorar um três anos, em pouco mais de seis meses estava aprovado. Foi uma correria, pois não tínhamos pensado em infraestrutura, nem nada. Tivemos que convencer a diretora da Faculdade [Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação], profa. Ana Maria Mielniczuk de Moura, a nos dar um espaço, e ela conseguiu criar uma sala! E, assim aconteceu. Com o tempo, as coisas evoluíram, vieram os concursos. Lembro daquele outro concurso para docentes, da Ana Celina [Figueira da Silva], a Vanessa [Barrozo Teixeira Aquino] e o Eráclito [Pereira]. A Márcia [Regina Bertotto] entrou depois. Tivemos um problema com uma das candidatas que foi reprovada e entrou com recurso, mas não conseguiu obtê-lo. E assim, passamos a contar com um excelente número de professores com formação específica em Museologia. Isso não significa que a nossa participação enquanto historiadoras, não tenha sido relevante, porque se não tivéssemos sido nós, o nosso curso não



teria acontecido e nem o programa de pós-graduação. A união faz a força e uma das coisas muito bonitas do curso de Museologia é a nossa coesão. Nós somos muito amigas umas das outras. O corpo docente é muito querido. E somos muito unidas pela Museologia. Outro aspecto interessante é que há pouco tivemos o Seminário Brasileiro de Museologia [SEBRAMUS]. O SEBRAMUS é outra coisa que eu tenho que contar nas minhas memórias, que eu já contei outra vez. O SEBRAMUS, vocês sabem, é organizado pela rede de professores da Museologia [atual Rede de Docentes e Cientistas do Campo da Museologia]. Eu fiz parte da primeira Rede. A Marlise [Giovanaz] e eu fomos para Salvador para o primeiro encontro da Rede. Mas eis que num ano desses teve um encontro do SEBRAMUS, eu acho que foi o quarto, em que mandei um trabalho sobre a curricularização da extensão universitária, já que na época era uma novidade. Então, a partir do exemplo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a primeira universidade brasileira a institucionalizar a extensão como atividade obrigatória para todos os cursos. Ao analisar o modelo que implantaram lá, achei que o mesmo poderia ser adaptado ao nosso curso de Museologia. Só que, quem avaliou o meu trabalho rejeitou porque disse que eu estava confundindo UFRJ com UNIRIO, que a primeira nem tinha curso de Museologia. Isso me dói muito, como se isso fosse possível. Eu confundir com a UNIRIO, que me homenageou nas comemorações dos seus 80 anos! Eu. Ora! Não soube ler o que estava escrito no resumo. Inconformada, mandei uma carta desolada. Então me pediram desculpas, me inseriram no programa do Seminário, etc. Só que eu não fui, aliás nunca mais participei do SEBRAMUS. Puxa, eu fiz tanta coisa pela Museologia. Fiquei muito brava, e lembro sempre desse episódio.

V.H.M. - Hoje é professora aposentada da graduação em Museologia da UFRGS. Qual seu balanço dos mais de dez anos de atuação?

A.M.D.Z. - Sintetizando, diria que foi um sonho acalentado, por iniciativa, especialmente da professora Iara [Conceição Bitencourt Neves], não podemos



esquecer que, se o curso nasceu, foi por insistência dela e apoio do professor [José Carlos Ferraz] Henemann. Começamos pequenos, e conseguimos superar os entraves iniciais. Não tínhamos salas de aula, nem laboratórios. Até hoje tem alunos que reclamam por ser um curso vespertino, mas era a chance que tivemos. A inserção no mercado de trabalho desses nossos profissionais formados é um fator relevante de sucesso. Nossos alunos fazem bonito nos concursos, estão sempre dinamizando a profissão, criando novas formas de trabalho. Assim, considero que tivemos sucesso.

V.H.M. - E como professora do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio? Qual sua percepção sobre os primeiros cinco anos do Mestrado?

A.M.D.Z. - Como a graduação, a pós-graduação também foi embalada pelos nossos sonhos. Tínhamos medo de que nas primeiras edições não tivéssemos inscritos e, depois a seleção, desistências no meio do processo, o que é terrível para o Programa, pois incide em sua avaliação. Mas, a qualidade das dissertações que têm sido apresentadas é muito significativa, então isso representa um fator de sucesso muito grande das coordenações, mas que é uma luta muito forte. Tem colegas que resolvem ingressar no corpo docente do PPGMusPa [Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio] e depois resolvem retornar à graduação. Após minha aposentadoria, só aceito participar como professora colaboradora, ou seja, alguém que pode orientar, mas não tem as exigências burocráticas terríveis que eu detestava. Cada vez que vem aquela tal de Plataforma Sucupira para preencher inúmeros dados, a secretária Josi [Joseane Lima] discretamente me enviava, sabendo da minha alergia a preenchimento de dados. É por isso que eu saí, não aguento mais burocracia. Fui professora da UFRGS durante 45 anos, iniciando aos 20 e saindo aos 65 anos, sempre preenchendo formulários, entrando e saindo de plataformas de toda a ordem... quantos anos eu fui professora da UFRGS? 45 anos! Deu, basta! Hoje, só oriento e faço o que eu gosto, que é atuar junto ao



Museu das Ilhas. Eu vou continuar com o programa educação para o patrimônio, na Ilha da Pintada, até porque aí eu consigo bolsistas para a gente trabalhar. Resolvi transformá-lo num espaço para realização de créditos curriculares da extensão para graduação e para pós. Quem quiser fazer aqueles 10% de créditos de extensão, pode fazer lá, desde que tenha um professor orientador e que faça um plano de estudos, porque a gente não quer que se dirijam ao Museu [das Ilhas] pessoas que nem sabem o que vão fazer lá. A professora Ana Celina [Figueira da Silva] já aceitou fazer parte do nosso projeto. Nós, seremos a Carol [Ana Carolina Gelmini de Faria], Ana Celina [Figueira da Silva] e eu [Ana Maria Dalla Zen] como professores. Também no curso de Publicidade e Propaganda, a professora Adriana [Coelho Borges] Kowarick topou levar os seus alunos, porque os alunos lá no Museu das Ilhas já foram bolsistas, alunos de graduação em Publicidade e Propaganda, Biblioteconomia, Jornalismo, Relações Públicas e os nossos da Museologia. Essa relação que se faz com esses demais cursos é para dinamizar o Museu [das Ilhas]. Inclusive toda a programação visual do Museu [das Ilhas], a logomarca e tudo foram feitos por alunos de Publicidade. Um deles até ganhou um prêmio com o trabalho que fez lá para o Museu [das Ilhas]. Essa interação é que eu considero extensão universitária, e é o vínculo que me prende ao PPGMusPa [Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio]. Eu não consigo realmente sair do programa, sair de perto da Carol [professora Ana Carolina Gelmini de Faria]. A Carol [Ana Carolina Gelmini de Faria] é a filha que eu não tive. E eu canso de dizer isso para ela, em particular, eu canso de dizer isso em público. Porque a Carol [Ana Carolina Gelmini de Faria], ela é a alma da Museologia, trazida para o curso da UFRGS. Meus queridos amigos, a Marlise [Giovanaz], amada, querida, paixão desde o começo. A Lizete [Dias de Oliveira], a Ana Celina [Figueira da Silva] enfim, todas são pessoas que constituem a nossa trajetória como seres humanos. Obrigada!



V.H.M. - Em uma perspectiva de futuro da Museologia na UFRGS e no Brasil, pesquisamos sobre a XV Conferência Internacional do Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM), realizada no Rio de Janeiro em 2013. Conforme citação sua, foi formulada Declaração que assim se inicia: “Em defesa de uma Museologia com intenção de mudança social, política e econômica, a partir da mobilização social, por intermédio de um processo de conscientização vinculado à memória e que reconhece as tensões e os vários tipos de violências sofridas pelos seres e agentes portadores de memória” (DECLARAÇÃO, 2015, p.145). Qual sua visão sobre a ocorrência desses processos de conscientização na Museologia? Teria algum relato de experiência neste sentido?

A.M.D.Z. - Ter participado dessa conferência do MINOM [Movimento Internacional para a Nova Museologia] no Rio de Janeiro, foi algo muito significativo, onde ficaram bem claras as aproximações e afastamentos entre a e Museologia Social, que é um paradigma, e Nova Museologia, que lhe dá o caráter de militância. A Museologia Social é uma área que não é tão recente assim, que se expandiu na década de [19]70, num movimento que veio lá de longe, com a Waldísia Russo [Camargo Guarnieri] e vários outros, a Carol [professora Ana Carolina Gelmini de Faria] na sua tese de doutorado, falou em elementos que trouxeram essa perspectiva da Museologia Social, que não deixa de ser uma Museologia [na década de 1950]. É Museologia. A gente chama de Museologia Social, porque ela tem uma ênfase maior do que a Museologia dita tradicional, que cada vez se aproxima mais da Social. A Museologia tem esse vínculo social muito grande, e a Museologia Social veio para transformar o usuário num sujeito do museu. Trata-se de uma relação diferente, e o MINOM [Movimento Internacional para a Nova Museologia] é um movimento da Nova Museologia que, como eu disse, reúne militantes. É o caso do Mário [de Souza] Chagas, e, também do Mário Moutinho, reitor da Universidade Lusófona de Lisboa, onde criou [o Programa de Pós-Graduação em Sociomuseologia]. A Universidade Lusófona de Lisboa, foi a primeira instituição a integrar a



Museologia Social num programa de pós-graduação, criando a Sociomuseologia como uma nova área de estudos. Se vocês lerem o documento que saiu desse encontro do MINOM [Movimento Internacional para a Nova Museologia], vocês vão ver que se trata de uma museologia revolucionária. Eu até tentei chamá-la de libertária, com o que Mário [de Souza] Chagas discordou. Mas, na prática, o que eu queria mesmo é enfatizar o seu caráter de uma Museologia engajada com a mudança social, que busque uma sociedade melhor para todos. É isso que eu defendo para a Museologia, seja com o nome que tiver.

V.H.M. - Na sua percepção, qual é o papel da Museologia Social no mundo contemporâneo?

A.M.D.Z. A Museologia, sempre fez parte de todos os movimentos sociais. Além disso, há trabalhos que são feitos com a comunidade, como o grupo nuances [Grupo Pela Livre Expressão Sexual]. As exposições belíssimas que são feitas envolvendo o grupo nuances e uma série de outras coisas, mostram essa relação da Museologia com Porto Alegre, com a sociedade. Atualmente eu faço parte do Coletivo Preserva Redenção, que pretende, se propõe a boicotar a iniciativa de privatização da Redenção, que [prefeito Sebastião Melo] está querendo fazer. Ou seja, ele [Sebastião Melo] quer conceder a Redenção para empresas privadas se responsabilizarem pela gestão da Redenção nos próximos trinta anos. Na prática, é uma possibilidade de captação de recursos, mediante a construção de um estacionamento subterrâneo para 577 carros embaixo do Ramiro Souto, do estádio Ramiro Souto. Ora, quem conhece a Redenção sabe que ali existem lençóis freáticos, e que o lago da Redenção foi feito para desaguar a água que desce da Independência, isso ainda no século XIX. Porto Alegre precisa da Redenção para resolver esses problemas de água subterrânea que tem ali. Como é que ele vai abrir o Ramiro Souto? A perspectiva dele, qual é? De favorecer o concessionário do [Auditório] Araújo Vianna. O estacionamento seria para o [Auditório] Araújo Vianna, que já é concessão. Eles



querem é o estacionamento para os usuários do [Auditório] Araújo Vianna, só que se eles mexerem, isso está provado, porque os nossos profissionais da área de Geologia provaram para a Prefeitura [de Porto Alegre] que eles não fizeram estudos de impacto ambiental, nada. Se eles perfurarem o terreno do Estádio Ramiro Souto, ele vem abaixo, e, em seu lugar, poderá ser construído um shopping center ali. A proposta está embutida nisso. Para fazer isso, eles vão retirar 400 árvores, está escrito no projeto disponível no site da Prefeitura [de Porto Alegre]. Ele já concedeu uma que era o orquidário, que exista desde 1958, para construir em seu lugar o Refúgio do Lago, que nós chamamos de Refúgio do Lago. Trata-se de um restaurante caro, inacessível ao público normal da Redenção. Eles pretendem também cobrar, está tudo isso no projeto. Tem aulas de biodança, tem aulas de ginástica, tem aulas de ioga, tem personagens que fazem o seu trabalho ali dentro. Eles querem cobrar por todos esses. E, além disso, os nossos queridos pipoqueiros, vendedores de água, etc. serão desalojados, para serem substituídos por foodtrucks. É o mesmo que já ocorreu no [Parque] Ibirapuera, mesma coisa. A única coisa que eles não vão fazer nesse projeto é cercar, porque o seu [Sebastião] Melo disse: - Não, eu sou contra esse cercamento... Mas, é um cercamento simbólico que ele vai fazer. Não sei se vocês sabem, mas o fim de semana na Redenção, vem gente da cidade inteira, com o seu farnel, fazer o seu piquenique. O que vai ser dessas pessoas? No [Parque] Ibirapuera está havendo uma série de problemas, é só acompanhar nos jornais porque foi cercado e a quantidade de assaltos triplicou, porque o bandido sabe pular. Mas, quem é assaltado não tem como sair de lá. E, os vendedores ambulantes? Todos foram retirados de lá, substituídos por espaços gourmet mais chiques. É cachorro-quente gourmet e não sei o quê. Ora, frequentador da Redenção, não quer isso. Quem quer isso? Então, nessa questão o curso de Museologia está mobilizado. Eu faço parte, eu sou da coordenação. Nós estamos com o abaixo-assinado de quase 50 mil assinaturas, contra esse processo. Estou lá representando o Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio. Isto é Museologia Social, isto é envolvimento do curso



de Museologia na sociedade porto-alegrense. Além disso, a Redenção encerra memórias fantásticas, inimagináveis, emocionantes. A Marlise [Giovanaz] acabou de mandar um vídeo com suas memórias sobre a Redenção. O autor do Atlas Ambiental de Porto Alegre também já mandou seu depoimento. Várias outras pessoas, tanto pessoas comuns quanto pessoas mais conhecidas. Os depoimentos são maravilhosos. Tem um morador de rua, o César, que fez um depoimento que me fez chorar. Quem quiser ver esses depoimentos, eles já estão disponibilizados no YouTube, no Coletivo Preserva Redenção. Essas memórias, elas não podem se perder. E pretendo fazer algo de mais concreto sobre isso. Até mesmo a história da Redenção, pouca gente conhece, apesar de já terem sido escritos mais de 600 trabalhos sobre ela, disponibilizados no sistema de bibliotecas da UFRGS [Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Eu não o chamo de Parque Farroupilha, mas a busca se faz por esse nome ou por Redenção ou Parque Farroupilha, isso é fantástico. Isso é Museologia Social. Isso é Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Quando eu falo em Universidade Federal do Rio Grande do Sul, agradeço muito o fato de ter sido sua aluna e professora. E, minha ação depois da aposentadoria nada mais é do que tudo que eu faço depois de aposentada, meu agradecimento a ela. Se não fosse uma universidade pública, gratuita e de qualidade, eu não seria quem eu sou. Eu me transformei num sujeito, a partir da chance que eu tive de uma universidade pública, e de uma escola pública de qualidade no Julinho [Colégio Estadual Julio de Castilhos], que me permitiram ser o agente de minha trajetória de vida. Sem essa formação em escola e universidade pública, eu não teria sido possível. Então deixo aqui registrada minha gratidão a essa Universidade que vocês, tem a honra de integrar. Porque, apesar da situação de miséria em que se encontra, novos ares chegaram, cheios de esperança num mundo melhor. Muito obrigada.



V.H.M. - Palavras finais?

A.M.D.Z. - Eu parablenizo vós pela iniciativa. Se quiserem mais para falar, só me chamar porque eu adoro. Adoro este curso, adoro as pessoas daqui, meus colegas, meus amigos. Meus alunos, ex-alunos, minhas Dallazetes. Eu só tenho a agradecer.

Presenciaram a entrevista com Ana Maria Dalla Zen:

Ana Carolina Gelmini de Faria,
 Diogo Santos Gomes,
 Igor Duarte Flores Pinto,
 Isadora Medaglia Guarnier,
 Jefferson Magueta Trevisan,
 Jorge Fortuna Rial,
 Klara Maciel Albarenque,
 Lizandra Caon Bittencourt,
 Lourdes Maria Agnes,
 Marlise Giovanaz,
 Nina Mazim Dias,
 Sergio Luiz Valentim Júnior,
 Victoria Honnef Medeiros,
 Vinícius Bard Giral.

